

Misoginia nos tribunais da mídia: uma análise da construção de manchetes a partir dos estudos críticos do discurso

Misogyny in media courts: an analysis of headline construction from the perspective of critical discourse studies

Marieli Rosa¹

Micheli Rosa²

Claudia Maris Tullio³

Resumo: A mídia possui um papel fundamental na sociedade atuando não somente na divulgação de informações ou na formação da opinião pública, mas, sobretudo na criação de novas formas de interação e relacionamento do indivíduo consigo e com os outros (Thompson, 1998). Essas interações produzem maneiras de exercer poder através da linguagem em que as representações ideológicas são materializadas em textos (Fairclough, 2003). As práticas jornalísticas não são um fenômeno estático ou fixo. Pelo contrário, por meio delas significados e sentidos são disseminados, reelaborados ou mantidos (Thompson, 2011). Para refletirmos sobre essas questões, o presente trabalho propõe, a partir do caso de homicídio praticado por Thales Naves Alves Machado, uma análise crítica dos discursos materializados nas manchetes produzidas e divulgadas pelos seguintes jornais: Fórum, Metrôpole e Terra. Para análise do *corpus*, elegemos a Análise Crítica do Discurso (ACD), especificamente, as contribuições de Norman Fairclough (2003) e Chouliaraki e Fairclough (1999) e a teoria sistêmico-funcional (Halliday, 2004; Fuzer, Cabral, 2014) incorporada pela ACD. Constatamos por meio das análises dos léxicos-gramaticais das manchetes a reprodução de discursos misóginos e machistas direcionados contra a ex-esposa do homicida.

Palavras-chave: Crime. Análise Crítica do Discurso. Jornal. Violência vicária.

Abstract: The media plays a fundamental role in society, acting not only in the dissemination of information or the formation of public opinion, but above all in the creation of new forms of interaction and relationship of the individual with himself and with others (Thompson, 1998). These interactions produce ways of exercising power through language in which ideological representations are materialized in texts (Fairclough, 2003). Journalistic practices are not a static or fixed phenomenon. On the contrary, through them meanings and senses are disseminated, reworked or maintained (Thompson, 2011). To reflect on these issues, this work proposes, based on the case of homicide committed by Thales Naves Alves Machado, a critical analysis of the discourses materialized in the headlines produced and disseminated by the following newspapers: Fórum, Metrôpole and Terra. For the analysis of the corpus, we chose Critical Discourse Analysis (CDA), specifically the contributions of Norman Fairclough (2003) and Chouliaraki and Fairclough (1999), and the systemic-functional theory (Halliday, 2004; Fuzer, Cabral, 2014) incorporated by CDA. Through the analysis of the lexico-grammatical structure of the headlines, we found the reproduction of misogynistic and sexist discourses directed against the ex-wife of the murderer.

Keywords: Crime. Critical Discourse Analysis. Newspaper. Vicarious violence.

¹ Doutoranda, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, PPGFLP, São Paulo, SP, Brasil. Endereço eletrônico: marielly_rosa@yahoo.com.br.

² Doutoranda, Universidade de Brasília, Instituto de Letras, PPGL/UNB, Bolsista Capes, Brasília, DF, Brasil. Endereço eletrônico: michelly.hist@gmail.com.

³ Docente, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, DELET/PPGL, Guarapuava, PR, Brasil. Endereço eletrônico: claudiamaris@unicentro.br.

Introdução

Este trabalho advém das discussões desenvolvidas ao longo da carreira acadêmica das pesquisadoras. Nossos estudos apontam a necessidade de investigar as representações sobre mulheres produzidas discursivamente dentro das práticas sociais. Dessa forma, a partir da perspectiva faircloughiana e das contribuições das teorias sociais destacamos a relevância de um olhar crítico sobre as produções midiáticas e a manutenção das relações assimétricas de poder.

A violência contra as mulheres é um fenômeno multifacetado, um problema de saúde pública e uma violação aos Direitos humanos. Existem diversas formas de violência (física, sexual, psicológica, patrimonial, moral, institucional, entre outras) e elas estão enraizadas na estrutura social. Nesse contexto, a linguagem assume um papel fundamental na manutenção ou transformação das desigualdades de gênero. Nossas escolhas linguísticas não são neutras, mas manifestações de sentidos ideológicos.

Isso pode ser observado na construção de notícias, uma vez que a mídia é um instrumento de legitimação e manutenção das relações de poder. Considerando esses aspectos, selecionamos como *corpus* para a presente pesquisa as manchetes dos jornais Terra (Entretê), Metrôpoles e Fórum. Esses jornais divulgaram o caso de duplo homicídio envolvendo Thales Naves Alves Machado. Em linhas gerais, ele assassinou os próprios filhos para se vingar da ex-esposa.

No que tange à teoria e ao método, filiamo-nos aos Estudos Críticos do Discurso (ECD), pois este campo disciplinar contribui para os estudos sobre mídia e relações de poder. Dentre as abordagens, utilizamos os pressupostos de Norman Fairclough (2003) e Chouliaraki e Fairclough (1999) que compreendem o discurso como um dos momentos da prática social. Esta pesquisa é qualitativa, descritiva-interpretativa e documental (Silveira, Córdova, 2009), visto que visa descrever, analisar e interpretar fenômenos sociais relacionados a mídia e a violência contra as mulheres.

O artigo divide-se em três partes. Na primeira seção, *Estudos Críticos do Discurso: abordagem dialético-relacional e transformacional*, apresentamos os pressupostos teóricos e metodológicos da perspectiva adotada em nossa pesquisa. Em seguida, *A manutenção da misoginia através dos textos jornalísticos*, destacamos alguns aspectos do crime que se tornou a base para a construção das manchetes selecionadas para a análise. Na última

seção, *A violência por trás dos textos jornalísticos: descrição e análise das manchetes dos jornais Terra, Fórum e Metrôpoles*, descrevemos nossas análises e interpretações.

Estudos Críticos do Discurso: abordagem dialético-relacional e transformacional

Em *Language and Power* (1989), Norman Fairclough afirma que a linguagem, apesar de ser ignorada por determinados pesquisadores, merece nossa atenção. Essa crítica à época da publicação do livro foi direcionada para pesquisadores da área da Linguística que negligenciaram os aspectos sociais e ideológicos no processo de produção de textos. Assim, para esse autor, as produções discursivas envolvem aspectos relacionais entre língua, sociedade e ideologia. Esta está presente tanto nas estruturas sociais quanto nos eventos com vistas à manutenção ou transformação social (Fairclough, 2016).

Dentro desse contexto, a Teoria Social do Discurso, proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003), propõe o estudo da linguagem para desvelar as desigualdades sociais e as assimetrias de poder em nossa sociedade. Esta vertente dos Estudos Críticos do Discurso (ECD) constitui-se como um modelo teórico-metodológico (Magalhães, Martins, Resende, 2017) que mantém diálogos com as teorias sociais críticas e, em particular, com a Linguística Sistêmico-funcional (LSF). Ademais, tem como objetivo a compreensão dos problemas sociais a partir de uma abordagem transdisciplinar fornecendo arcabouços enriquecedores para o entendimento dos fenômenos sociais e linguísticos. Desse modo, “busca ser uma prática social transformadora da sociedade porque atribui aos analistas o papel de interventores sociais por meio de seu trabalho de análise, opondo-se às estratégias e aos discursos das elites” (Vieira; Macedo, 2018).

A perspectiva metodológica e analítica adotada por Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003) denomina-se dialético-relacional transformacional. Isso pressupõe a compreensão de que o discurso estabelece modos de agir, representar e identificar nós e os outros. Trata-se de uma prática de “significação do mundo, constituindo e ajudando a construir identidades sociais” (Magalhães, 2001, p. 17). Dessa maneira, o discurso como um momento da prática social constitui e é constituído por ela. Deve ser compreendido

como um modo de ação situado nos processos históricos e culturais, visto que existe uma relação dialética entre linguagem e sociedade.

No entanto, as práticas diferenciam-se das estruturas sociais (abstratas) e dos eventos sociais (concretos). As estruturas são condições relativamente duráveis que sustentam a vida social e os eventos são as interações imediatas em que os textos são produzidos. As práticas estão localizadas entre esses dois níveis; é por meio delas que as pessoas agem no mundo.

Para Chouliaraki e Fairclough (1999), as práticas sociais são compostas por diferentes elementos – fenômenos mentais, relações sociais, atividades materiais – e, inclusive, a semiose/discurso. Esses elementos estabelecem relações de articulações e internalização sem que nenhum deles se reduza ao outro. Isso significa que o discurso é influenciado, por exemplo, por crenças e valores, pelas condições materiais das interações sociais e pelo contexto em que é produzido.

A semiose/discurso é um momento da prática social no qual identificamos nas ordens de discurso outros elementos internos: gênero, discurso e estilo. Nas ordens de discurso, os principais modos que o discurso figura nas práticas sociais são: modos de agir (gênero), modos de representar (discurso) e modos de ser (estilo). Esses modos interagem entre si em uma relação dialética.

De acordo com Resende e Ramalho (2016), a análise de discurso “deve ser simultaneamente à análise de como os três tipos de significado são realizados em traços linguísticos dos textos e da conexão entre o evento social e as práticas sociais” (Resende; Ramalho, 2016, p. 61). Por isso, o diálogo com a LSF contribui para investigar como as escolhas léxico-gramaticais constituem relações sociais e identidades sociais no texto a partir dos modos como o discurso figura em práticas sociais. Como pontua Fairclough (2003), a relação entre os níveis do discurso, da semântica, da gramática e do vocabulário são de “realização”, na LSF.

A abordagem dialético-relacional operacionaliza as metafunções (ideacional, interpessoal e textual), de Halliday (2004), a partir dos significados acional, representacional e identificacional (Fairclough, 2016; Chouliaraki e Fairclough, 1999; Fairclough, 2003) para a compreensão das escolhas dos falantes/escritores. Desse modo, a LSF fornece categorias

analíticas para a identificação e descrição dessas escolhas, mas, na Teoria Social do Discurso, relacionamos elas às práticas sociais e às ordens de discurso (Fairclough, 2003).

Os textos como elementos dos eventos sociais causam efeitos – (re) produção, manutenção ou transformação – sobre as pessoas em um processo relacional entre discurso e práticas sociais (Magalhães; Martins; Resende, 2017). No Quadro 1, apresentamos como o discurso figura em práticas sociais.

Quadro 1. Significados nos textos e sua relação com as práticas sociais

Significado	Ordens de discurso	Práticas sociais
Acional	Gênero	Modos de (inter) agir
Representacional	Discurso	Modos de representar
Identificacional	Estilo	Modos de ser

Fonte: Adaptado a partir de Fairclough (2003).

Nas práticas sociais os gêneros correspondem às formas como interagimos e agimos em sociedade, os discursos são representações sobre mundo e sobre as pessoas e os estilos versam sobre a construção de identidades. Fairclough (2003) afirmou que os três tipos de significado “devem ser levados em consideração quando se trata de orações, sendo que cada um oferece uma perspectiva do mesmo e categorias específicas” (Fairclough, 2003, p. 108, tradução livre). Entretanto, para fins metodológicos e devido às limitações de espaço neste artigo, selecionamos a apresentação dos resultados analíticos advindo do significado representacional, visto que cada um requer categorias distintas.

Para a análise do significado representacional utilizamos como categoria analítica o sistema de transitividade, advinda da LSF (Fuzer e Cabral, 2014; Halliday, 2024), para compreender as escolhas linguísticas realizadas na construção de representações sobre aspectos do mundo.

Na LSF as redes sistêmicas se ligam às diferentes funcionalidades e organizam as escolhas dos falantes/escritores. Desse modo, no sistema de transitividade encontramos três componentes: *processo*, *participante* e *circunstância*.

O *processo* representa “eventos que constituem experiências, atividades humanas realizadas no mundo; representam aspectos do mundo físico, mental e social” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 41). Já os *participantes* agem e são afetados por ações. Por fim, a *circunstância* se refere ao contexto que as ações ocorrem. Além disso, de acordo com

Fuzer e Cabral (2014), existem os processos principais e secundários: *material, relacional e mental* e, na fronteira desses, temos o *comportamental, verbal e existencial*.

Não esboçamos as particularidades de todos os *processos* porque exigiria uma seção mais longa. Focamos e apresentamos a descrição conceitual dos *processos* identificados nas manchetes selecionadas para tratarmos das representações discursivas.

A manutenção da misoginia através dos textos jornalísticos

Em uma notícia, a manchete e a lide fornecem um resumo do que será relatado. A primeira é concisa e tem uma fonte destacada. A segunda, em letras menores, apresenta-se como um subtítulo. As duas antecipam o conteúdo e buscam chamar à atenção das leitoras e leitores. Para fins de exemplificação, apresentamos um exemplo de manchete e lide:

“HOMICIDA, THALES NAVES ALVES MACHADO, ATIRA NOS PRÓPRIOS FILHOS POR VINGANÇA E ÓDIO À EX-COMPANHEIRA: O crime chocou a cidade de Itumbiara (GO) e traz à tona questões sobre o enfrentamento da violência doméstica e familiar”.

Esse exemplo baseia-se em um caso real e sua construção é intencional porque almejamos demonstrar que nossos posicionamentos são ideológicos. Escrevemos a partir de um lugar social e nossas escolhas refletem como percebemos, interpretamos e representamos a realidade. Não inserimos o nome da vítima, mas classificamos o comportamento de Thales: um homem que ceifou a vida dos filhos porque desejava infligir dor e sofrimento à ex-companheira. Ele é um homicida.

A proposta de simulação nesta seção consiste em refletirmos sobre as escolhas ideológicas, o posicionamento de quem escreve e as relações de poder que são materializadas nas manchetes. Em consonância com os ECD, nossa pesquisa visa investigar “os sentidos ou significados produzidos durante uma ação por meio da linguagem em contextos específicos” (Batista Jr; Sato; Melo, 2018, p. 10). Tendo isto posto, passamos para a análise, em nível linguístico e social, das três manchetes que noticiaram o caso envolvendo Thales.

O caso em questão envolveu à época o secretário de governo da prefeitura de Itumbiara (GO). No dia 11 de fevereiro de 2026, ele assassinou seus dois filhos, de 8 e 12

anos, enquanto dormiam, e em seguida cometeu suicídio. A motivação do crime era atingir Sarah Araújo, empresária e filha do prefeito, mãe das crianças e ex-esposa dele. De acordo com o Portal Uol, a polícia afirmou que não houve indícios de envolvimento de terceiros (Esteves, 2026).

A investigação também apontou que Thales contratou um “detetive particular para seguir a esposa” (Esteves, 2026). O profissional avisou que viu Sarah com outra pessoa, “mas não enviou nenhuma imagem ou vídeo naquele momento”. A partir dessa informação, ele ligou para ela e fez várias ameaças dizendo “que a vida dela viraria ‘um inferno’ e enviou fotos dos filhos dormindo, o que, para a polícia, demonstra que o crime foi premeditado” (Esteves, 2026). O inquérito concluiu que houve duplo homicídio seguido de suicídio.

No dia seguinte ao crime, alguns jornais divulgaram o evento focando na motivação e relacionando-a com uma suposta traição de Sarah. Destaca-se que não constatamos nas primeiras notícias sobre esse caso, emitidas no dia 12 de fevereiro, informações sobre o posicionamento da vítima ou dados sobre a possibilidade de estarem separados. Isso significa que os textos jornalísticos forneceram mais visibilidade para o homicida do que para a vítima.

Ademais, a suposta carta escrita por Thales foi divulgada pelos jornais analisados (Vicaria, 2026; Luiz, Braga, 2026; Bittencourt, 2026): “Leia íntegra” (Metrópoles), “Veja abaixo” (Fórum) e “Leia a carta deixada por Thales na íntegra” (Terra). Na carta o homicida justifica sua atitude a partir do comportamento da ex-esposa. Esse texto foi mobilizado pelos jornais para a produção das notícias. Ao dar espaço para a voz do homicida, apagamos a vítima e reforçamos discursos misóginos e machistas.

As ameaças e, posteriormente, o assassinato dos filhos foram praticadas para infligir dor emocional e psicológica à vítima. Essas práticas são denominadas de violência vicária e vicaricídio, respectivamente. No entanto, cumpre destacar que somente em 25 de março de 2026 o Senado brasileiro aprovou um projeto de lei que tornou o assassinato de descendentes, ascendentes ou dependentes de uma mulher como crime. Assim, a Lei n. 15.384, de abril de 2026, alterou a Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), e instituiu no ordenamento jurídico a violência vicária e o crime de vicaricídio como formas de violência doméstica e familiar.

O texto da Lei Maria da Penha passa a constar, no artigo 7, inciso V, a violência vicária “como qualquer forma de violência praticada contra descendente, ascendente, dependente, enteado, parente, pessoa sob guarda ou responsabilidade direta da mulher ou pessoa de sua rede de apoio, com vistas a atingi-la” (Brasil, 2026). Também foi alterado o Código Penal (1940):

Art. 121-B. Matar descendente, ascendente, dependente, enteado ou pessoa sob guarda ou responsabilidade direta da mulher, com o fim específico de causar-lhe sofrimento, punição ou controle, no contexto de violência doméstica e familiar.

Pena – reclusão, de 20 (vinte) a 40 (quarenta) anos.

A inserção do crime de vicaricídio no ordenamento jurídico e seu reconhecimento tem como finalidade criminalizar essa modalidade de violência que pune ou controla a mulher por meio de pessoas próximas a ela. O vicaricídio possui especificidades próprias porque se trata de práticas de “coisificação” de laços afetivos como instrumento de violência em que o sofrimento psíquico da mulher, bem como a difusão de trauma e culpabilização são os alvos.

Para Sonia E. Vaccaro (2022), a violência vicária tem como objetivo atingir e ferir a mulher, mas “o dano é causado por meio de terceiros, isto é, por intermédio de outra pessoa”. Desse modo, “o agressor sabe que machucar os filhos e/ou as filhas é garantir que o sofrimento atinja a mulher da forma mais cruel possível, sem que ela tenha possibilidade de controle sobre isso” (Vaccaro, 2022, p. 10, tradução livre).

Para essa autora (2023), a violência vicária é “aquela que é exercida contra filhos(as), objetos, animais ou pessoas afetivamente significativas para a mulher, com o objetivo de machucá-la”. Nesse sentido, o agressor transforma “terceiros” em instrumentos para atingir a vítima. Esse tipo específico de violência cria práticas contra descendentes, ascendentes ou alguém próximo para assegurar um teor de crueldade. Pessoas que possuem vínculos com a vítima são apenas objetos para a continuação da agressão, do controle, da pressão, dos maus tratos e da punição, pois a finalidade principal “é ferir a mulher, atingi-la onde mais dói” (Vaccaro, 2022, p. 11).

No caso de Sarah, acrescenta-se, ainda, outro aspecto que amplia a violência. Ela não foi vítima apenas dentro da organização familiar, mas também durante o processo de

luto quando se viu julgada e atacada pelos tribunais da mídia. As notícias legitimaram uma narrativa sobre uma suposta traição e proporcionaram um espaço de visibilidade para a voz do agressor. Desse modo, a violência vicária, o crime de vicaricídio e o processo de culpabilização são consideradas práticas misóginas porque difundem o ódio, o controle e a punição às mulheres.

Esse tipo de prática desenvolvida por meios de comunicação prolonga e reforça ainda mais a violência contra as mulheres. A violência se estende para fora do âmbito doméstico e perpassa por outras redes de práticas. De acordo com Nuria Varela (2012), o significado para a palavra misoginia refere-se ao “ódio, rejeição dos homens, aversão e desprezo pelas mulheres” (Varela, 2012, p. 12). A misoginia se consolida tanto na violência vicária quanto no julgamento midiático.

Sarah sofreu com as ameaças por meio de uma ligação telefônica no dia do assassinato, com a dor da perda dos filhos, com os julgamentos advindos de uma carta e pelos ataques advindos da propagação de notícias. Essas práticas se encontram dentro do quadro de violências praticadas pelo abusador e por uma sociedade misógina. Neste artigo, concentramos-nos na culpabilização direcionada à mulher materializada em três jornais que noticiaram esse caso.

No dia do duplo homicídio a carta é divulgada adquirindo mais atenção do que o crime. A culpabilização descrita pelo ex-esposo não ficou restrita ao âmbito particular da vítima. Esse texto foi divulgado na rede social do homicida e, posteriormente, pelos jornais. As notícias que deveriam retratar o assassinato das crianças e a crueldade da violência vicária, transformaram-se em espaços de ampliação da violência contra essa mulher.

Para John B. Thompson (1998), os meios de comunicação são uma atividade social que envolve a “produção, a transmissão e a recepção de formas simbólicas e implica a utilização de recursos de vários tipos” (Thompson, 1998, p. 25). Esse autor afirma que os significados transmitidos pela mídia “não é um fenômeno estático, permanentemente fixo e transparente para todos”, mas um processo continuamente renovado e, “até certo ponto, transformado, pelo próprio processo de recepção, interpretação e reinterpretação” (Thompson, 1998, p. 44). Essa concepção nos permite entender que a produção das manchetes não é um processo passivo ou neutro; nem mesmo a construção das informações.

A divulgação das notícias sobre o crime praticado por Thales pelos jornais Terra, Fórum e Metrôpoles potencializou discursos de ódio direcionados para a Sarah na *internet*. De acordo com Amaral (2023), “a misoginia on-line refere-se a atitudes e comportamentos que desprezam, hostilizam ou discriminam mulheres na Internet”. A *internet* “enquanto espaço de interação social, reflete as dinâmicas de poder e as desigualdades presentes na sociedade off-line” (Amaral, 2023, p. 27). Portanto, as práticas misóginas não estão restritas a um lugar específico, mas estão presentes em várias esferas sociais.

Compreendemos, a partir de Manne (2018), que a misoginia é a manifestação da ideologia patriarcal, pois os comportamentos hostis em relação às mulheres não advêm de uma patologia psíquica, mas são gerados na sociedade para submetê-las aos padrões estabelecidos. Para a autora,

A misoginia deve ser compreendida primordialmente como o ramo de “aplicação da lei” de uma ordem patriarcal, que tem a função geral de policiar e fazer cumprir suas normas e expectativas governantes. Da mesma forma, podemos dizer que, constitutivamente falando, o sexismo deve ser entendido principalmente como o ramo “justificativo” de uma ordem patriarcal, que consiste em uma ideologia que tem a função geral de racionalizar e justificar as relações sociais patriarcais (Manne, 2018, p. 78-79, tradução livre).

Nessa perspectiva, para a abordagem dialético-relacional e transformacional os efeitos sociais de textos são atravessados por ideologias e relações de poder. Desse modo, é fundamental identificar como são operacionalizadas essas ideologias em manchetes relacionadas à violência contra as mulheres. Para Thompson (2011), a ideologia é “o sentido a serviço do poder” que se torna “espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos” (Thompson, 2011, p. 79). Esse autor concebe a ideologia como o uso de estratégias em determinados contextos que são utilizadas para estabelecer, sistematicamente, as desigualdades sociais. De acordo com Fairclough (2010), os discursos podem influenciar as pessoas a assumir posicionamentos. Usamos a linguagem, como sistema semiótico, para (inter) agir no mundo e ao fazermos isso projetamos representações.

A linguagem produz significados (Halliday, 2004) e, conseqüentemente, os textos trazem marcas que revelam as concepções dos atores sociais. Não é apenas uma questão

gramatical, mas um processo ideológico no qual os textos apresentam ou ocultam vozes (Vieira; Macedo, 2018). Nossos posicionamentos em uma interação social (oral ou escrita) contribuem para a (re) produção ou transformação das relações de dominação (Fairclough, 2016). Por isso, a linguagem é “usada como instrumento de ação, materializado nas escolhas linguísticas que cada falante precisa fazer” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 26). Linguagem, sociedade e ideologia são mediadas por sistemas de valores e crenças. Na próxima seção examinamos as manchetes no qual apresentamos esses aspectos.

A violência por trás dos textos jornalísticos: descrição e análise das manchetes dos jornais Terra, Fórum e Metrôpoles

Nesta seção, analisamos os efeitos discursivos produzidos na esfera midiática a partir do caso envolvendo Thales Naves Alves Machado. Para análise, em nível linguístico e social, selecionamos as manchetes produzidas pelos jornais Terra (Entretê), Fórum e Metrôpoles que foram publicadas em *websites*.

O jornal *Terra* tem diversas colunas que abordam vários temas. A notícia sobre o duplo homicídio praticado por Thales (Figura 1) foi apresentada na coluna intitulada “Entretê” (entretenimento) e foi escrita por uma mulher. Na barra de endereço eletrônico encontra-se a palavra “diversão” porque essa coluna abarca a vida e a rotina de celebridades. A redatora fez uso do termo “tragédia” acompanhado de um ponto de exclamação. Esses elementos marcam um tom avaliativo para dar ênfase e intensidade, bem como uma tentativa de chamar a atenção dos leitores e leitoras.

Figura 1. Manchete divulgada pelo jornal Terra



Fonte: Jornal Terra⁴.

⁴ Disponível em: terra.com.br/diversao/gente/tragedia-secretario-descobre-traicao-da-esposa-mata-o-filho-e-tira-a-propria-vida,5d6f505d8dab96964815918152b6d6f6y9wkgjnl.html.

Essa estratégia linguística, em uma coluna de entretenimento, carrega um efeito de dramatização. A manchete não trata o caso como crime, mas como uma narrativa em que existe um teor dramático de “causa” e “consequência”. Portanto, as escolhas lexicais da redatora da matéria colocam o foco na “traição da esposa”. Apenas na sequência encontramos menção à morte dos filhos e ao suicídio.

Na oração, “descobre” exerce um *processo mental cognitivo* no qual situa o “secretário” como *experienciador*, sujeito consciente, e o *fenômeno* “traição da esposa”. Esse tipo de processo, segundo Fuzer e Cabral (2014), não se remete “propriamente aos cinco sentidos”, mas traz “o que é pensado à consciência da pessoa” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 54). O sentimento do *experienciador* está relacionado ao *fenômeno*, ou seja, o participante que é sentido: “traição da esposa”.

Em seguida, observamos os *processos materiais* – “mata” e “tira” – que estabelecem uma “quantidade de mudança no fluxo de eventos” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 46). Primeiro, a inserção do *processo material transformativo* “mata” no qual “secretário” passa a ser *Ator* e “filhos” a *Meta*. Depois, temos outro *processo material transformativo* “tira” e a *Meta* é “a própria vida”. Para a Gramática Sistêmico-funcional (GSF), a mudança é provocada por um investimento feito “por um participante inerente ao processo, denominado Ator”. Ele conduz uma transformação sobre o outro participante - *Meta* - em que “alguma de suas características é criada ou alterada” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 46). No caso dessa manchete, a ação do homicida contra a própria vida e dos filhos caracteriza-se como uma alteração.

No primeiro momento, Thales é representado a partir de uma mudança de estado cognitivo em que o conteúdo percebido é a traição da esposa (*Fenômeno*). Posteriormente, essa percepção se transforma em ação no mundo material (*Meta*). Evidenciamos que essa construção discursiva reforça a culpabilização da esposa e afasta a concepção de violência vicária. Ademais, a redatora elegeu o léxico-gramatical “descobre” para criar uma narrativa em nível de experiência mental com o público leitor. Thales foi posicionado como “pessoa traída”; o que desperta tanto curiosidade quanto empatia. Essa configuração discursiva aponta para a legitimação da culpa da mulher pelos atos de violência praticados pelo ex-esposo.

Outro ponto relevante é a posição social que os atores sociais ocupam. Por um lado, o homem é retratado por seu cargo de destaque na cidade, por outro, ela é a ré e esposa.

Essa disposição reflete a hierarquização de gênero em nossa sociedade. O sujeito masculino ganha destaque pela profissão e a mulher é designada apenas por sua função dentro do lar/do matrimônio. Portanto, o evento não é retratado como uma violência contra a mulher, mas como uma narrativa em que o dever matrimonial e a honra do marido foram quebradas e violadas.

Na *lide* da manchete – “Caso aconteceu na noite de quarta-feira e é investigado pelas autoridades; hospital não divulga detalhes por sigilo médico” – informa a data do acontecimento e destaca que a investigação estava em andamento. É notório que a redatora não se preocupou em destacar o “caso” como um crime contra Sarah e não tratou o ex-esposo como um homicida. Existe um apagamento de aspectos relevantes sobre a situação envolvendo esses sujeitos e o posicionamento ideológico de quem escreve.

Em relação ao jornal Fórum, ele intitula-se “independente” e seus conteúdos têm um posicionamento mais voltado para as vertentes progressistas. Entretanto, isso não significou que estivesse isento de reproduzir determinados discursos machistas e misóginos (Figura 2).

A manchete foi construída por um homem que também faz uso das palavras “traição” e “esposa”. A morte das crianças não é mencionada. Ao contrário do jornal Terra (“Entretê”), que utilizou o subtítulo para descrever a data do homicídio e a investigação policial, o Fórum utilizou outra estratégia: reforçou a traição a partir da sentença “a esposa foi encontrar outra pessoa”.

Figura 2. Manchete divulgada pelo jornal Fórum



Fonte: Jornal Fórum⁵.

⁵ Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/secretario-de-governo-de-itumbiara-descobre-traicao-da-esposa-e-atira-nos-filhos/>.

A manchete reproduz a mesma lógica utilizada pelo jornal Terra. O agente da ação também é descrito a partir de sua profissão, “secretário”, mas a diferença está no vínculo profissional: “de Governo”. Já a vítima, empresária e filha do prefeito, novamente é apagada e situa-se na posição de culpada. Destarte, encontramos novamente o *processo mental cognitivo* “descobre” em que o *experienciador* é o Thales e o *fenômeno* é a “traição da esposa”; essa construção cria uma relação de causalidade implícita.

Além disso, o uso do “e” articula outro *processo*, denominado de *material*, “atira” (Figura 2) e induz o leitor a interpretar os eventos como interdependentes. Thales é o *Ator* dos disparos e a *Meta* são os filhos. *Meta* “é o participante que recebe o impacto da ação” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 50). Embora os filhos sejam afetados pela ação, a configuração discursiva designa a violência contra os filhos devido ao comportamento da mulher (traição).

A publicação feita pelo Fórum (11h43) se deu antes do jornal Terra (Entretê) (15h29). Ao observar a disposição dos elementos linguísticos nas manchetes verificamos uma reprodução de posicionamento (Figuras 1 e 2). Existe um padrão de réplica de conteúdo na *internet*. Entretanto, cabe ainda mencionar que existe uma singela diferença entre essas manchetes.

Primeiramente, o jornal Terra ao usar o ponto e vírgula apresenta um sentido de pausa e uma ordem de importância: ênfase na narrativa da traição supostamente sofrida por Thales, depois a consequência disso. Já o Fórum utiliza a preposição “e” para conectar os *processos mental* e *material*. Nesse caso, as duas ações são coordenadas – descobre a traição e mata os filhos. Apesar disso, ambas as manchetes justificam a ação do homicida e culpabilizam a mulher pela morte dos filhos.

Enquanto o jornal Terra e o Fórum utilizaram palavras como “descobre”, “traição” e “esposa”, o Metrôpoles usou outra estratégia. Escrito por um homem e por uma mulher, o texto destaca que a justificativa para “atirar” nos filhos está presente em uma carta. Assim, a frase “leia íntegra” funciona como um recurso para chamar a atenção das leitoras e dos leitores.

Figura 3. Manchete divulgada pelo jornal Metrôpoles



Fonte: Jornal Metrôpoles⁶.

O uso da palavra “revela” designa um *processo verbal*. Esse anuncia um ato de dizer em que o *Dizente* é o “secretário” e a *verbiagem* é o “motivo de atirar em filhos e se matar” (Fuzer, Cabral, 2014). Esse *processo* designa um ato externo do homicida em comunicar o seu crime. A “voz” dele revela-se por meio de uma carta. Isso cria um efeito de autoridade em que uma suposta “verdade” poderia ser “revelada”. Essa configuração tem como objetivo captar o interesse do público através do acesso a algo que estava “oculto”, mas que o autor do crime revelaria. Ressalta-se que o jornal publicou na íntegra o texto da carta sem questionar se havia algum julgamento construído pelo homicida sobre a Sarah.

Como nas outras manchetes (Figuras 1 e 2), também constatamos o emprego do *processo material* “atirar” e a *Meta* são os “filhos” e o próprio homicida. Desse modo, a combinação do *processo verbal* com um *processo material* - “revela” e “atirar” - compõem uma estratégia discursiva que coloca o homicida na posição de autoridade para “dizer” porque fez a ação. A violência vicária e o vicaricídio não são mencionados, mas existe um reforço para apresentar o estado emocional e psicológico do agressor. A manchete nos aproxima de Thales ao selecionar a voz dele por meio de uma carta. Essa indicação marcada na manchete gera uma expectativa sobre a motivação do crime. Entretanto, a inserção desse texto também fortalece uma narrativa a partir da visão do homicida. A vítima não é ouvida. Ela não tem voz. Além disso, a carta serve como justificativa para o crime: Thales menciona a suposta traição cometida por Sarah e as dificuldades no casamento.

No Quadro 2, sintetizamos os *processos* e os *participantes* localizados, particularmente, nas manchetes.

⁶ Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/secretario-de-go-revela-motivacao-do-crime>.

Quadro 2. Sistema de transitividade nas manchetes dos jornais

Jornal	Componentes das figuras					
	<i>Experienciador</i>	<i>Processo Mental</i>	<i>Fenômeno</i>	<i>Ator</i>	<i>Processo Material</i>	<i>Meta</i>
Terra	Secretário	descobre	a traição da esposa,	[secretário]	mata	o filho
				[secretário]	e tira	a própria vida
Fórum	<i>Experienciador</i>	<i>Processo Mental</i>	<i>Fenômeno</i>	<i>Ator</i>	<i>Processo Material</i>	<i>Meta</i>
	Secretário de Governo...	descobre	traição da esposa	[secretário]	e atira	nos filhos
Metrópoles	<i>Circunstância</i>	<i>Dizente</i>	<i>Processo Verbal</i>	<i>Verbiagem</i>	<i>Ator/Processo material</i>	<i>Meta</i>
	Em carta,	secretário	revela	motivo de atirar	[secretário] [atirar]	nos filhos

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Existe um predomínio de *processos mentais* e *materiais* na construção das manchetes. Primeiramente, porque o uso de *processos mentais* pelos jornais revela a prioridade que direcionaram para a “experiência do mundo” e “da consciência” (Fuzer; Cabral, 2014) do homicida ao invés da voz da vítima. Consequentemente, isso gerou o apagamento da violência contra Sarah. Além disso, a combinação entre o “mundo interno do homicida” ligada à motivação, *processo mental*, e o ato praticado, *processo material*, criou um efeito discursivo em que a ação de matar os filhos e a si próprio não foi impulsiva. A ação foi associada a uma reflexão sobre o comportamento da ex-companheira.

Ao refletirmos sobre as violências, de que “maneira pode o sentido servir para estabelecer e sustentar relações de dominação?” (Thompson, 2011, p. 80). A partir dos modos de operação da ideologia e suas estratégias de construção simbólica – *Legitimação*, *Dissimulação*, *Unificação*, *Fragmentação*, *Reificação* (Thompson, 2011), compreendemos que essas manchetes legitimam e naturalizam formas de violência contra as mulheres.

As escolhas lexicais dos redatores apresentam o modo de operação denominado de *Legitimação*. Nesse tipo de operação encontramos a *racionalização* como estratégia no qual o produtor “constrói uma cadeia de raciocínio que procura defender, ou justificar, um conjunto de relações ou instituições sociais, e com isso persuadir uma audiência de que isso é digno de apoio” (Thompson, 2011, p. 82). Assim, as análises demonstram que os textos justificam a ação de Thales: “traição da esposa” e “descobre a traição”. Portanto, as

manchetes realizam a manutenção da violência contra a mulher ao legitimar a ação do criminoso através do comportamento feminino.

Outra operação identificada nas manchetes é a *Reificação* a partir da estratégia de *naturalização*. Ela constrói relações de dominação e sustenta determinadas situações históricas, sociais e culturais como algo natural. A naturalização das desigualdades de gênero é um exemplo de como a ideologia permeia nosso cotidiano e oculta processos complexos. Os redatores não expõem nenhuma crítica às relações estruturais de gênero social e poder na sociedade em seus textos. As ações em que homens matam seus filhos para atingir suas companheiras devem ser tratados em nível criminal, mas verificamos que uma das manchetes retratou isso como um “entretenimento”.

As três manchetes representam a mulher como um gatilho ou causa para o crime. O homicida é descrito como um sujeito de ação e anunciador consciente da traição. Entretanto, ela não tem identidade própria e sua voz não é evidenciada; ela é deslocada para um espaço de apagamento. Não há qualquer menção dela como a mãe dos filhos que foram assassinados. Pelo contrário, o único papel designado é o de esposa que não cumpriu com os deveres matrimoniais. Os “modelos de relações familiares, afetivas ou sexuais são estabelecidos socialmente e, isso, ocorre por meio de diversos elementos da prática social” (Rosa; Rosa, 2026) e essa disposição, em nossa sociedade, favorece a figura masculina.

As nossas análises demonstram que violência contra as mulheres também está presente nas formas como os textos são construídos pelos jornais. A mídia sustenta e legitima as desigualdades de gênero reproduzindo e prolongando a violência. Além disso, estabelece parâmetros biológicos para justificar os papéis sociais (Butler, 2010), principalmente, quando esses estão relacionados ao matrimônio e à organização familiar.

As construções discursivas que circulam na mídia naturalizam e realizam a manutenção de um certo lugar destinado às mulheres e aos homens. Conforme Zaffaroni (2013) “a mulher tecendo, cozinhando, esperando o marido, cosendo, não tem nada de sexual, tratando-se, antes, de um conjunto de papéis culturalmente atribuídos pelo poder patriarcal. Isso é gênero” (Zaffaroni, 2013, p. 113). Nas manchetes constatamos a existência da naturalização desses papéis sociais. Essas construções cristalizam o lugar do homem e da mulher dentro do lar, nas relações familiares e afetivas.

Nos tribunais midiáticos o que estava sob julgamento era o comportamento de uma “mulher, esposa e mãe” que desencadeou uma ação executada por um homem. Esse possuía o “direito” de castigar a esposa por uma suposta “traição”. A “tragédia” (crime!) descrita por esses jornais insere a violência vicária dentro de uma narrativa dramática que reforça uma tentativa de minimizar a ação do homicida. A forma como as manchetes foram construídas contribuiu para a manutenção de um discurso misógino e machista que alimenta justificativas relacionadas ao ato de corrigir ou punir as mulheres. Por último, destacamos que Sarah foi julgada na *internet* por grupos que apoiam os mesmos discursos (re) produzidos por esses jornais. Essa onda de ódio e violência na *internet* relaciona-se também ao papel do jornalismo como um instrumento de disseminação da misoginia.

Considerações finais

Este trabalho dedicou-se a tecer uma análise crítica discursiva acerca do caso Thales Machado e como os jornais brasileiros naturalizam e realizam a manutenção das desigualdades de gênero e relações de poder em casos de violência contra as mulheres. Ademais, como os jornais também servem como “tribunais” de julgamentos e de disseminação de discursos de ódio contra as mulheres.

As análises léxico-gramaticais empreendidas nesta pesquisa auxiliam na compreensão da construção da notícia do duplo homicídio pelos jornais. No sistema potencial de escolhas, verificamos que os redatores optaram por apontar, primeiramente, a traição e, depois, a morte das crianças. Existe uma determinada ordem hierárquica na disposição dos atores sociais nas manchetes e, isso, produz efeitos discursivos no qual a mulher torna-se culpada pela morte dos próprios filhos.

Assim, essas manchetes reforçam os discursos hegemônicos sobre o lugar das mulheres e, principalmente, que a possível quebra dessa ordem social pode ser punida de diferentes formas. A violência direcionada para pessoas próximas das vítimas não foram retratadas pelas manchetes como um ato de punir a mulher. Então, torna-se essencial a exposição de análises discursivas críticas sobre a produção e circulação de notícias acerca da violência contra a mulher na modalidade vicária.

Referências

- AMARAL, Inês. Misoginia, racismo e ódio online: jovens mulheres, resistência e reação. In: Rita Basílio de Simões (org.). **Gênero, violência e ódio online**: conceitos e representações. Coimbra: Universidade de Coimbra; FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., 2023. p. 27–53.
- BATISTA JR, José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira de. Introdução. In: BATISTA JR, José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira de. (org.). **Análise de Discurso Crítica**: para linguistas e não linguistas. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2018.
- BITTENCOURT, Julinho. Secretário de governo de Itumbiara descobre traição da esposa e atiranosfilhos. **Fórum**, 12 fev. 2026. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/secretario-de-governo-de-itumbiara-descobre-traicao-da-esposa-e-atira-nos-filhos/>. Acesso em: 22 fev. 2026.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- BRASIL. **Lei nº 15.384, de 9 de abril de 2026**. Altera a Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), e a Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990 (Lei dos Crimes Hediondos), para prever a violência vicária entre as formas de violência doméstica e familiar, criar o tipo penal do vicaricídio e incluí-lo no rol dos crimes hediondos. Brasília, DF: Presidência da República, 2026. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2026/Lei/L15384.htm. Acesso em: 24 abr. 2026.
- CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late Modernity**: rethinking critical discourse analysis. Edinburgh, UK: Edinburgh University Press, 1999.
- ESTEVES, Eduarda. Secretário de Itumbiara matou os filhos enquanto eles dormiam, diz delegado. **UOL**, São Paulo, 27 fev. 2026. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2026/02/27/policia-civil-de-goias-conclui-inquerito-de-mortes-e-m-itumbiara.htm>. Acesso em: 23 mar. 2026.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. London: Longman, 1989.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, Norman. A dialética do discurso. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 22, p. 225-234, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24124>. Acesso em: 22 fev. 2026.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

HALLIDAY, Michael Alexander. **An Introduction to Functional Grammar**. 3. ed. London: Hodder Arnold, 2004.

LUIZ, Álvaro; BRAGA, Laura. Secretário de GO revela motivação do crime. **Metrópoles**, 12 fev. 2026. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/secretario-de-go-revela-motivacao-do-crime>. Acesso em: 22 abr. 2026.

MAGALHÃES, Célia M. (org.). **Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso**. Belo Horizonte: Fale-UFMG, 2001.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica**: um método de pesquisa qualitativa. Brasília, DF: Editora UnB, 2017.

MANNE, Kate. **Down girl**: the logic of misogyny. New York: Oxford University Press, 2018.

ROSA, Marieli; ROSA, Micheli. **Concepções sobre violência contra a mulher em decisões judiciais a partir da análise crítica do discurso**. Gláuks - Revista de Letras e Artes, v. 26, n. 1, p. 37-57, 2026.

SILVA, Mayara da Costa. **Jornalismo digital, plataformização e novas práticas de interatividade e participação**: um estudo etnográfico do perfil do Metrôpoles no Instagram. (Doutorado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 31-42.

THOMPSON, John Brookshire. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

THOMPSON, John Brookshire. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VARELA, Nuria. La nueva misoginia. **Revista Europea de Derechos Fundamentales**, n. 19, p. 25-48, 1. sem. 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4055493>. Acesso em: 20 fev. 2026.

VIEIRA, Josenia Antunes; MACEDO, Denise Silva. Conceitos-chave em Análise de discurso crítica. In: BATISTA JR., José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamarê Borges; MELO, Iran Ferreira (orgs). **Análise de Discurso Crítica**: para linguistas e não linguistas. São Paulo: Parábola, 2018.

VICARIA, Laura. Tragédia! Secretário descobre traição da esposa, mata o filho e tira a própria vida. **Terra**, 12 fev. 2026. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/gente/tragedia-secretario-descobre-traicao-da-esposa-mata-o-filho-e-tira-a-propria-vida,5d6f505d8dab96964815918152b6d6f6y9wkjinl.html>. Acesso em: 22 fev. 2026.

VACCARO, Sonia E. **Violencia vicaria**: un golpe irreversible contra las madres. Espanha, Ogijares (Granada): Asociación de Mujeres Psicología Feminista, 2022.

ZAFFARONI, Eugenio Raul. **A questão criminal**. Rio de Janeiro: Revan, 2013.

Sobre as autoras

Marieli Rosa

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9524-9594>

Formada em Letras Português e Literatura de Língua Portuguesa, especialista em Ensino de Língua Portuguesa (Uenp) e também em Leitura e Literatura: conexões de Potência na Escola Básica (Unioeste).

Doutoranda pela Universidade de São Paulo (USP) no programa de pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa Integrante do grupo de Pesquisa em Linguística Forense (Unicentro) e do Grupo de Pesquisa Gramáticas em perspectivas (Unicentro).

Micheli Rosa

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8247-8400>

Formada em Letras Português e Literatura de Língua Portuguesa, especialista em Ensino de Língua Portuguesa (Uenp) e em Leitura e Literatura: conexões de Potência na Escola Básica (Unioeste).

Doutoranda pela Universidade de Brasília, no programa de Linguística e integrante do grupo AFECTO (UNB), Grupo de Pesquisa Linguística Forense (Unicentro) e Grupo de Pesquisa Gramáticas em perspectivas (Unicentro).

Cláudia Maris Tullio

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8429-6707>

Doutora em Estudos da Linguagem (UEL), Especialista em Metodologia do Ensino (UEPG), possui graduação em Bacharelado em Direito (UEPG) e graduação em Licenciatura em Letras (UEPG). É docente associada na UNICENTRO, em Guarapuava-PR. Professora do PPGL UNICENTRO. Coordenadora do Curso de Letras Português, semipresencial, UNICENTRO. Diretora da Diretoria de Educação Inclusiva PROAE. Professora Mentora do PDE.